

INFLUÊNCIAS NO PROCESSO DE ORIENTAÇÃO PROFISSIONAL

2011

Bruno Fernandes
Carla Brasilino
Juliano Fávero
Mariabile Túlio

Email:

bruno.fergon@hotmail.com

RESUMO

O objetivo deste artigo é discutir a questão da orientação vocacional e as influências vividas pelo jovem na hora da escolha profissional. Enfatizando as diferentes maneiras em que essas influências ocorrem, através da escola, família e amigos que colaboram de certa forma na decisão a ser tomada pelo estudante, o qual geralmente não está preparado para tal experiência e não tem idéia de alguma profissão para o futuro.

Palavras-chave: Jovem, influência, profissional, família, escola, amigos, mercado de trabalho

1. INTRODUÇÃO

O presente artigo trará uma visão geral sobre a escolha profissional do adolescente frente às demandas familiares, do mercado de trabalho, da influência dos amigos e da escola. O estudante sente-se frágil e confuso, pois está em um momento de grande mudança em sua vida. Nessa transformação para a fase adulta, é obrigado a ter a responsabilidade de fazer uma escolha que afetará toda sua vida e acarretar o seu futuro. Como diz Neves e Siqueira (1979) há a idéia de que a fase em que o adolescente “transita” se fundamenta intensamente em seu desenvolvimento físico, intelectual, moral e social, com características bem definidas que devem necessariamente levadas em consideração por todos que o circundam. Assim o jovem interage com todos ao seu redor, recebendo diversas influências para tomar sua decisão e escolher uma carreira

profissional. Essas decisões correm o risco de serem feitas de maneira precipitada, pois o jovem não está completamente preparado para saber qual caminho deve seguir.

Podemos observar também que estamos inseridos em uma sociedade em constante modificação no que se refere ao mercado de trabalho, o adolescente depara-se com um número cada vez maior de novas profissões e especializações e fica difícil escolher apenas uma dentre tantas possibilidades atraentes e ainda conhecendo muito pouco de cada uma dessas profissões.

As expectativas e a preocupação dos pais sob o futuro do jovem gera também a insegurança dos mesmos, que sem ter muita consciência das influências que sofre e, principalmente, sem ter informações suficientes sobre a profissão que está escolhendo o jovem faz sua opção e ingressa na Universidade sem ter muita clareza das suas escolhas. Essas escolhas tomadas, para de certa forma fazer a vontade dos pais ou superiores, podem influenciar e muito no futuro destes jovens, que estarão tomando um caminho inverso, daquele que teria desejo ou vontade de praticar.

A família, ao incentivar certos comportamentos e atitudes das crianças e reprimir outras iniciativas, interfere no processo de apreensão da realidade dessas crianças, determinando em parte a formação de seus hábitos e interesses (Soares, 2002, p.74).

Discutimos também, a influência dos amigos no momento da escolha profissional, afinal os adolescentes conversam com seus colegas sobre seu futuro, pois já existe uma identificação entre eles, uma relação de intimidade acolhedora de conselhos, é como uma complementariedade das influências da família e da escola.

Diante deste contexto, foi colocado em questão, qual o papel do psicólogo mediante a questão da escolha profissional, e qual a função da orientação vocacional, que é uma ferramenta de enorme importância dentro desse ciclo.

2. PROFISSÃO E VOCAÇÃO

Atualmente no Brasil, inúmeras escolas trabalham tendo em vista o futuro profissional de seus alunos e em maioria, este é o tema principal de trabalho. Em muitas delas isto já começa a ser focado desde o primeiro dia de aula. Esta mesma inserção no mercado de trabalho é o que começa a preocupar a cabeça dos pais quando o filho está prestes a completar o ensino médio, porém em sua maioria os jovens não têm nenhuma idéia sobre este tema e não sabem quais a profissão é a “certa”, para acompanhar ele durante a vida toda.

Este modelo adotado por algumas escolas tem como proposta o chamado, futuro “seguro”, embora esta maneira de educar pareça a mais correta, ela pode acabar afetando o jovem, que

desde o início das atividades escolares, estão focados em seu futuro profissional. De acordo com Freire (1980):

É em contexto escolar que também os professores assumem um papel fulcral no modo como os jovens encaram a escolha vocacional, sendo, muitas vezes, principais promotores de motivação e apoio nessa escolha.

O aluno do Ensino Médio geralmente chega ao 3º ano com inúmeras dúvidas em relação à opção profissional. E muitas vezes essas dúvidas não são colocadas em questão durante a sua formação. Neste sentido a consolidação da identidade profissional é a última tarefa que ocorre na adolescência, sendo os jovens empurrados pela escola que dita que a escolha profissional deve ocorrer ao fim do ensino médio. Porém, nem sempre essa etapa coincide com o momento que o jovem adquire a maturidade necessária para tal escolha.

Quanto à escola Paro (2010, p 4) descreve:

Sendo o local onde se dá (ou deveria dar-se) a educação sistematizada, a escola participa da divisão social do trabalho, objetivando prover os indivíduos de elementos cultura necessária para viver na sociedade a que pertence. A própria Constituição Federal reconhece a imprescindibilidade de um mínimo de educação formal para o exercício da cidadania, ao estabelecer o ensino fundamental gratuito e obrigatório. Isto significa que há um mínimo de conteúdos culturais de que todo cidadão deverá apropriar-se para não ser prejudicado no usufruto de tudo aquilo a que ele tem direito por pertencer a esta sociedade.

É possível analisar algumas situações onde após ter sido estabelecido este modelo o jovem da início a uma graduação e acaba interrompendo a mesma e decidindo “que aquele não era o caminho certo a ter sido seguido”, ou até mesmo em outros casos ele acaba se graduando e não se insere no mercado de trabalho, pois não escolheu a profissão que gosta ou até mesmo por insegurança em trabalhar naquilo que não o agrada.

Em algumas situações, o jovem decide escolher alguma profissão por ter sofrido determinado tipo de influência no ambiente familiar, ou até mesmo por desejo de seguir a profissão dos pais, ou de alguma figura que adota como símbolo.

A insegurança gera ansiedade nos adolescentes, é difícil conviver com a pressão de ter que fazer a primeira escolha profissional, e imaginar que aquela será a sua única oportunidade, e que esta escolha é um caminho sem volta. As contingências exigem muitas vezes que o adolescente valorize a sua decisão pensando no futuro, em qual profissão lhe trará maiores lucros, e não do bem estar, de ser realizado pessoalmente como profissional e fazer o que realmente lhe dá prazer. Quando uma pessoa faz o que gosta, ela é realizada também em outras áreas pessoais, se torna bem-sucedida, com isso possa produzir melhores experiências.

Na maioria das vezes, o jovem é visto como um papel em branco, que está á espera de receber uma história para sua vida, uma história em que ele pode ou não ser o autor, em maior número, ele é apenas um personagem da própria historia, a qual é escrita por uma sociedade e um mercado de trabalho cruel. É cruel também, a rápida mudança que o jovem passa a enfrentar, depois da escolha profissional. De repente ele passa a ter responsabilidades, cobranças e principalmente por perspectivas negativas e pessimistas. Por que os jovens não possuem o direito de liberdade de escolha, sem tem que analisar pensar e decidir por meio de informações impostas, através de familiares e de um mercado profissional escasso e exigente.

O pássaro não precisa de mediação para ser 'livre' porque ele não é autor de sua 'liberdade'. Mas, para os homens, a liberdade que os constitui historicamente não se apresenta naturalmente, mas é construída em colaboração com outros (Paro, 2010, p. 5).

A decisão pode ser consciente quando relativas ao estudo e projetos futuros dos jovens, e inconscientes quando relativas aos desejos não realizados por ele mesmo e sim pela família, por determinações socioculturais e necessidades financeiras. Quando a escolha é influenciada pelas significações familiares, a qual está ligada principalmente a história familiar, o jovem pode ou não identificar-se com aquilo que é imposto ou esperado para ele, essa influência pode ser tanto positiva, quanto negativa na sua decisão.

Há um risco do jovem ser direcionado a partir de escolhas de outras pessoas, de informações contaminadas, além da principal duvida, escolher entre satisfação pessoal ou definitivamente ganhar muito dinheiro. Afinal, o que é mais importante, dinheiro ou vocação? Podemos afirmar que a maiorias das pessoas não procuram um trabalho e sim um emprego, que lhes tragam estabilidade, segurança de sobrevivência.

Durante o período de formação acaba se entrando, em contato com muitos amigos e colegas e devido a estes vínculos construímos nossa identidade, e através destes amigos, sofrem um certo tipo de influencia na escolha profissional. E por fim termina por se inserir em algo que não o agrada.

Pode se dizer que em um contexto no qual é exigido que se esteja preparados para tudo e prontos vivenciar qualquer experiência de trabalho é praticamente impossível, que exista o chamado "caminho certo". Este deve indicar uma direção na qual o sujeito está feliz fazendo aquilo que gosta e não necessariamente aquilo que vai o acompanhar para a vida toda, pois pode acontecer de ter que mudar de profissão e passar a exercer uma nova postura de trabalho.

Em alguns casos o jovem chega a orientação vocacional, sem se quer saber qual o motivo que está lá e nem ao menos tem uma ideal sobre o que gostaria de fazer, sendo assim fica praticamente impossível para o orientador trabalhar com esta questão. E embora se tenha a idéia de que a profissão a ser escolhida vai acompanhar o sujeito durante a vida toda e ele se quer vá

poder buscar novas oportunidades e trabalhar em áreas diferentes, não é realmente assim, pois o fato de estar escolhendo ou sendo orientado para seguir uma profissão não está diretamente relacionado a ter que exercer aquela profissão eternamente.

Os adolescentes procuram estudar ou são incentivados ao mesmo, pois buscam na escola e nos estudos uma forma de viver melhor, eles o fazem com intenção de ter um futuro promissor, uma vida de sucesso. Com esse olhar a sociedade, de certa forma, “impõe” que os jovens escolham suas profissões e trabalhem nela o resto da vida, talvez esse seja o grande problema ou o grande medo de escolher uma profissão, pois eles têm que decidir qual profissão seguir, e está tem que ser uma “boa” profissão que o valorize, de dinheiro e ainda por cima o faça feliz, esse é o grande paradoxo, ao invés das pessoas que norteiam os jovens a seguir uma profissão o ajudarem criticamente, de forma com que questionem a realidade em que vivemos com relação ao trabalho, não, apenas coagem fazendo com que os jovens pensem e copiem a dita “eficiência” que já existe no mercado de trabalho.

No momento em que mais se precisaria introduzir. A contradição, a crítica e o questionamento de uma realidade desfavorável aos que são permanentemente feitos objetos no trabalho e na sociedade, os novos ‘qualitistas’ da educação, sob pretexto de entrarem na moda e copiar a ‘eficiência’ empresarial, aparecem com mais uma fórmula para coibir o desenvolvimento de personalidades em formação (Paro, 2010 p. 13).

Quanto ao papel do psicólogo mediante a orientação vocacional, se pode dizer que ele deve ser um auxiliador do jovem, que em sua maioria chega a orientação e esta passando por este quadro. Esta mediação deve ser feita, ajudando o jovem a buscar o seu próprio conhecimento, e decidir o caminho a ser percorrido. É importante o auxílio do psicólogo em seu futuro profissional e de seus interesses pessoais no futuro. É de muita importância o orientador, esclarecer esses problemas, vividos na adolescência para que ele não possa influenciar na escolha, referente ao papel do psicólogo na orientação vocacional Wainberg (1997, p. 371) descreve:

É importante ter claro que a orientação vocacional não é um momento isolado, particular. Faz parte de um momento maior de busca que inicia já antes do nascimento, quando dos planos as expectativas dos pais em relação seu futuro bebê e é o resultado de uma serie de decisões tomadas, durante muitos anos, em algumas vezes durante toda a vida.

Em alguns casos a solução para o psicólogo, tentar auxiliar o jovem, tem sido tentar recorrer aos testes vocacionais e muitos se utilizam sua aplicação com a idéia de que vai conseguir enquadrar o jovem no local “correto” somente através deste instrumento. Porém, os testes, podem e devem em alguns casos ser utilizados, mais nunca deve substituir o papel do psicólogo que é de muita importância. e não deve ser utilizado como instrumento único de orientação. Quanto à utilização dos testes Rodolfo Bohoslavsky (2003, p. 93) descreve:

No campo da orientação vocacional clínica, os testes podem desempenhar uma função valiosa, mais nunca poderá substituir a função do psicólogo, porém por outro lado é conveniente destacar que não existem testes de orientação vocacional, existem sim, testes que por suas características permitem ao psicólogo proporcionar dados sobre aspectos, mais ou menos específicos da personalidade do sujeito.

Com essa idéia apresentada, se pode perceber que os testes de orientação vocacional podem ser de muita utilidade para o psicólogo, porém não para quem está consultando ele, contrariando a idéia de algumas escolas, que quando o aluno está prestes a concluir os seus estudos, se utiliza somente deste recurso, para encaminhar o aluno para a graduação, partindo deste pressuposto Rodolfo Bohoslavsky (2003, p. 93) afirma: “A boa utilização dos testes supõe, não só que se conheça seus fundamentos teóricos e

suas características de validade e fidedignidade, mais também para que se saiba para que são aplicados”.

Outra forma de auxiliar ao jovem na hora da sua escolha profissional e como coloca Bohoslavsky (2003 p.3) ele chama de modalidade clínica na qual os psicólogos preferem usar a entrevista como principal instrumento. Dessa forma o psicólogo deixa de ter uma intervenção direta e passa a deixar o jovem livre para a escolha, pois, acredita que ele necessita de autonomia para a sua escolha.

Ainda seguindo Bohoslavsky (2003, p.4) ele afirma que existem psicólogos que dizem que essa forma de trabalhar com os jovens é a orientação vocacional.

Na Argentina, ambas as modalidades têm adeptos e críticos e, neste trabalho, pretendemos fundamentar por que acreditamos que a modalidade clínica é orientação vocacional. Ou seja, passar de ‘quantas referências tem e o que escolhe’ a ‘quem é e como escolhe’. (Bohoslavsky 2003, p.4)

Bohoslavsky (2003 p.4) ainda descreve as diferenças entre as duas modalidades de estratégia na hora de fazer a orientação vocacional. Na modalidade estatística os jovens não chegam a uma decisão por vontade própria já na modalidade clínica eles podem chegar a uma decisão se conseguirem identificar seus conflitos e suas angústias que vivem em relação ao futuro. Na modalidade estatística as carreiras requerem aptidões específicas, a relação com o estudo e com a profissão vai depender do interesse que o jovem tenha e ainda as profissões não mudam então os jovens tendo aptidões não será difícil vencer os obstáculos que aparecerem. E na modalidade clínica as carreiras requerem potencialidades que não são específicas, o vínculo que se estabelece depende da personalidade e o prazer depende do tipo de vínculo que se estabelece nos estudos e nas profissões, a todo momento estão aparecendo cursos, carreiras, especializações e campos de trabalho e o psicólogo deve auxiliar o adolescente informando e esclarecendo.

3. CONCLUSÃO

Em vista dos fatos apresentados Concluimos que a escolha profissional é um momento determinante na vida de todo adolescente, e deve ser feita com muita cautela e no momento correto. E principalmente sem sofrer qualquer tipo de influencia, é uma decisão difícil, acompanhada de muita insegurança. O jovem vivencia uma grande mudança, a transformação para o ser adulto, onde passa a ter uma responsabilidade, a de escolher uma carreira profissional que proporcione sucesso, sobrevivência financeira e bem estar, ou seja, passa a encarar a vida de uma maneira diferente e muda totalmente os seus projetos de vida. O jovem recebe muitas informações, essas empregadas tanto pela influência familiar, pela escola e até mesmo pelos amigos. Concordamos com Bock (2002) quando afirma que o ser humano envolve suas habilidades, personalidade, suas atitudes na relação com o outro e esta relação está mediada pela sociedade. Sem ter consciência dessas influências, o estudante ingressa na faculdade sem ter certeza se fez a escolha certa.

Há também, os conflitos ocasionados pelas constantes variações no mercado de trabalho, que exige um individuo mais adaptado e competitivo, enfatizando a grande opção de profissões para se atuar. Hoje o individuo, deve se preparar para estar preparado para tudo. O trabalho de orientação vocacional deve ser centrado no jovem, mostrando a ele na qual sociedade está inserida, a situação do mercado atual, procurar ser um auxiliador em seus projetos e expectativa de vida, mas principalmente saber quais as suas habilidades e identificações. Saber se realmente é aquilo que o jovem pretende fazer.

Cabe aos orientadores e influentes, como a família e a escola, aconselhar o jovem a procurar alternativas próprias, fortalece-lo a ter confiança em si, acreditando no seu potencial. Pois não vemos um “caminho certo”, não existem decisões certas ou erradas, boas ou ruins, mas os caminhos que vão sendo construídos ao longo da história do profissional. Caminhos esses que podem ser alterados em seu decorrer, porem é importante para o jovem ter interesse em percorrer este caminho.

REFERÊNCIAS

BOCK, S. D. **Orientação profissional: a abordagem socio-historica.** São Paulo: Cortez, 2002.

BOHOSLAVSKY, R. **Orientação vocacional: a estratégia clinica.** 11.ed. São Paulo: M. fontes, 2003.

FREIRE, M. S. **Educação Vocacional no Ensino Secundário.** Lisboa: Livros Horizonte, 1980.

NEVES, I. G.; SIQUEIRA, O. K. **Nova dinâmica de orientação educacional.** 6. ed. rev. e ampl. Porto Alegre: Globo, 1979.

PARO, V. H. **Parem de preparar para o trabalho!!!:** reflexões acerca dos efeitos do neoliberalismo sobre a gestão e o papel da escola básica. Disponível em:

<http://www.pedagogia.seed.pr.gov.br/arquivos/File/Docs%20CGE/parem_de_educar_para_trabalho.pdf>. Acesso em: 22 nov. 2010.

SOARES, D. H. P. **A escolha profissional: do jovem ao adulto.** São Paulo: Summus, 2002.

WAINBERG, A. K. **Como trabalhamos com grupos.** Porto Alegre : artes medicas, 1997.